EXTRAPRENSA
CULTURA E COMUNICAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

AQUILOMBAMENTO POÉTICO NA ENCRUZILHADA DO SABER

V SICCAL

[GT2 - TERRITÓRIOS, TERRITORIALIDADES E MOVIMENTOS SOCIAIS]

Naloana de Lima Costa
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), São Paulo, SP

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Partindo de um posicionamento que traz um sentido ético-político emancipatório da existência humana, direciono uma interpretação sobre identidade brasileira ancorada aos movimentos anticapitalista, antirracista e antisexista, presente na poética do espetáculo Severina da Morte a Vida (2015) encenada pelo Grupo Clariô de Teatro. Coletivo este que se identifica na encruzilhada de um teatro negro, periférico, feminista e popular, e assim, evidentemente, se contrapõe a um teatro dito "brasileiro", mas que em sua natureza carrega um valor colonial e imperial camuflado de universal, que vira às costas para a America Latina e ignora a representatividade negra de mais de metade da população. Portanto, é legítima a necessidade de clarificar a cultura de uma cena em sombras, através de uma perspectiva humanitária de aquilombamento social.

Palavras-chave: Grupo Clariô de Teatro. Aquilombamento. Encruzilhada do saber. Teatro periférico. Teatro negro.

Starting from a position that brings an emancipatory ethical-political sense of human existence, I direct an interpretation of Brazilian identity anchored to anti-capitalist, anti-racist and anti-sexist movements, present in the poetics of the Severina da Morte a Vida (2015) staged by Grupo Clariô de Teatro . This collective that identifies itself at the crossroads of a black, marginalized, feminist and popular theater, and them, evidently, is opposed to a so-called "Brazilian theater", but which in its nature carries a colonial and imperial value camouflaged as universal, which turns its back to Latin America and ignores the black representation of more than half of the population. Therefore, it is legitimate the need to clarify the culture of a scene in shadows, through a humanitarian perspective of social "aquilombamento".

Keywords: Clariô. Aquilombamento. Crossroads of knowledge. Marginalized theater. Black theater.

Partiendo de una posición que aporta el sentido ético-político emancipador de la existencia humana, realizo una interpretación de la identidad brasileña anclada en los movimientos anticapitalista, antirracista y antisexista presente en la poética de la obra Severina da Morte a Vida (2015), representada por el Grupo Clariô de Teatro. Este colectivo se encuentra en la encrucijada de un teatro negro, periférico, feminista y popular y, por lo tanto, se opone evidentemente al teatro llamado de "brasileño" que, por naturaleza, tiene valores coloniales e imperiales camuflados de valores universales. Siendo así, este teatro da la espalda a América Latina e ignora la representatividad negra de más de la mitad de la población. Por lo tanto, es legítima la necesidad de clarificar la cultura de una escena en sombras, a través de una perspectiva humanitaria de aquilombamento social.

Palabras clave: Grupo Clariô de Teatro. Aquilombamento. Encrucijada del saber. Teatro periférico. Teatro negro.

DOI: https://doi.org/10.11606/extraprensa2022.194393

Interpretar a natureza humana é uma tarefa árdua, tendo em vista que socialmente uns são reconhecidos como mais humanos que outros, de forma estrutural. O que naturaliza o ponto de vista do dominador privilegiado e exclui a diversidade da narrativa de corpos oprimidos pelo sistema. Na tentativa de abordar essa dinâmica excludente e evidenciar novas formas de discurso, trago aqui a interpretação cênica de uma ***outra poética*** teatral, localizada às margens da maior metrópole brasileira.

O horizonte do comum interpretado pelo espetáculo teatral ***Severina da Morte à Vida***, do ***Grupo Clariô de Teatro,*** original da cidade de Taboão da Serra (São Paulo), se apresenta através do discurso utópico, ainda distante de uma realidade concreta, pois, devido ao processo histórico brasileiro enraizado em uma cultura escravocrata e genocida dos povos afroameríndios, a sociedade segue a lógica brutal da violência, do racismo e da desigualdade social, ainda não superada pelos povos subalternizados a uma elite classista, racista e sexista deste país.

O que existe dentro desse sistema opressor é a perversidade da invisibilidade dos povos pretos e indígenas, ou seja, a ausência do outro, tão bem criticada pelo sociólogo e pensador humanista Aníbal Quijano.

> The radical absence of the 'other' not only postulates an atomistic image of social existence in general; that is, it denies the idea of the social totality. (QUIJANO, 2010 pag.173). [1]

A ausência do outro, revela uma sociedade economicamente desigual, que segue a lógica do ***mito da democracia racial***, criada pela ***branquitude***, intensificada pela ***cosmologia do privado***[2] que constrói uma política focalizada em uma sociedade de mercado, que vende a falsa ideia de oportunidades iguais e cria a condição precária de uma concorrência focada no empreendedorismo individual.

> A liberdade para competir insere a natureza egoísta e universal do homem numa dinâmica econômica (oferta e procura) que gerará um ganho, também social. Temos, portanto, a fundação de uma ontologia humana, de uma natureza universal, uma essência da qual derivam uma política, uma economia, uma sociedade e uma identidade moderna. (SOUZA, DAMICO e DAVI, 2020. pag. 3).

O discurso da meritocracia cria a partir da falsa idéia de liberdade humana, dentro de um discurso universalista, uma ideologia hipócrita de que somos todos iguais perante a lei. Porém foi constatado em diversos estudos das ciências sociais, que vivemos em um país de oportunidades díspares, pois temos uma dificuldade abissal em promover a ascensão social e econômica igualitária a todos, sendo notória

1 Tradução: A radical ausência do "outro" não somente postula uma imagem atomística da existência social em geral. Isto é, nega a ideia de totalidade social.

2 Segundo os pesquisadores SOUZA, Tadeu de Paula. DAMICO, José Geraldo. DAVID Emiliano de Camargo: A "cosmologia do privado" tem base nos mitos de origem europeus, com ênfase no mito do contrato-social e o mito do capital inicial, apresenta uma proposta/resposta de sociedade individualista, acumulativa e egoísta forjada por essa cosmologia.

a desumanização em que uns são reconhecidos como mais humanos que outros.

A falsa interpretação da realidade naturaliza a ***interseccionalidade***[3] das opressões sociais de raça e gênero presente também no contexto de classes, através de tipos de opressões distintas que estruturam a "natureza" presente na sociedade brasileira.

Em uma leitura universal forjada pela branquitude patriarcal brasileira, a abordagem de raça e gênero é tratada de forma irrelevante. Esse universalismo não consolida o avanço para um legítimo projeto emancipatório, já que se vê tensionado por contradições de incompletude por não abranger uma totalidade social real.

Mesmo ao se tratar de uma suposta analise universal que anseia por uma mudança estrutural, esmiuçando a idéia de classe, não podemos deslocar o conteúdo anticapitalista, que tem uma vertente de origem européia e magicamente exportar ao Brasil ignorando todo o processo histórico de prática escravocrata e genocida, escondendo para debaixo do tapete o racismo estrutural presente na sociedade contemporânea, bem como é impossível falar sobre a ***identidade brasileira***, virando às costas para a America Latina e ignorando que nós, negros e mulheres, somos mais de metade da população. É preciso escapar das armadilhas dessa falsa neutralidade para lidarmos com a vida de forma plena, pois para interpretar o que há de comum na humanidade, avançar para a auteridade da relação do eu com o outro é preciso primeiramente abordar a difícil tarefa de reconhecer a nossa própria identidade.

Segundo o psicólogo-social Antonio Ciampi, a identidade é ***metamorfose***. Em sua tese "A Estória do Severino e a História da Severina", Ciampi apresenta a problemática de Severino, personagem fictício do poema dramático de João Cabral de Melo Neto, que apresenta dificuldades ao se identificar para o público. Severino elege diversas categorias que a princípio parecem identificá-lo, mas percebe que isso não será possível, pois há muitos Severinos, iguais em tudo na vida, porém no momento em que ele decide agir, se torna o Severino que em nossa presença emigra. Ciampi nos apresenta também a vida de Severina uma personagem real, de carne e osso, que como várias retirantes nordestinas, carrega muito sofrimento durante sua travessia até São Paulo, bem como sua permanência. Severino e Severina depois de uma longa jornada se identificam como seres sociais através da integração coletiva.

Na descrição da estória de Severino e da história de Severina a tese de Ciampi chega ao conceito de ***metamorfose***, que para ele é vida, muitas vezes não vivida pelos seres desumanizados em uma ***mesmice social.***

> Quando falamos do fetichismo da personagem, falamos da dificuldade do indivíduo atingir a condição de ***ser-para-si***, criando o que chamamos de ***identidade-mito***, o mundo da ***mesmice*** (da não-mesmidade) da ***má-infinidade*** (a não superação das contradições). (CIAMPI, 1986 pág. 144).

3 Dicionário: "O termo Interseccionalidade é um conceito sociológico preocupado com as interações e marcadores sociais nas vidas das minorias".

Ciampi conclui que a violência da desumanização foi causada pela exploração do mundo capitalista em conjunto com as ações particulares de pessoas que assumem o papel do explorador junto ao explorado.

> A exploração e a violência sociais se concretizam através de mediações, sempre no particular, que é a unidade do singular e do universal. Coletivamente se constitui o conjunto das relações sociais que, no nosso caso, materializa um mundo: o nosso mundo capitalista. (CIAMPI,ano, 1986 pag. 127).

No entanto, a luta anticapitalista por si só não revela a totalidade da identidade humana, pois não da conta de todas as mazelas encontradas no enfrentamento de grupos sociais que seguem humilhados cotidianamente por uma política genocida de corpos negros e indígenas. O desfecho universalista também não atua nas freqüentes violências suportadas pelas mulheres, principalmente às mulheres negras. Portanto é preciso buscar a raiz do problema, erradicar o genocídio racial, o feminicídio de corpos e o epistemicídio da cultura dos povos negros e indígenas deste país para equalizar a estrutura social de forma que possamos lidar com as dificuldades de forma igualitária. Neste ponto profundo e essencial chegamos à contradição da mesmice, naturalizada pela prática abusiva da branquitude, que diante do seu privilégio epistêmico não liberta o pensar, e tão pouco estimula o agir de uma sociedade que segue a lógica da opressão evidenciada pelas desigualdades sociais.

Uma das formas de não mais naturalizar a opressão estrutural presente na sociedade brasileira é de singularizar o debate que antecede a universalização. Para tanto apresento aqui a abordagem dos pesquisadores Souza, Damico e David que trazem a perspectiva das ***políticas identitárias,*** absolutamente necessárias enquanto as desigualdades sociais permanecem relacionadas a algumas identidades.

> No Brasil a suposta dissolvência das raças, que o racismo propõe, se daria através do caminho do embranquecimento, uma vez que o branco é a liberdade do estado de animalidade. Essa é a contradição da branquitude que precisa ser superada pelo paradoxo da negritude: racializar para desracializar. (SOUZA, DAMICO e DAVID, 2020, pag. 5).

No Brasil de hoje, é preciso afirmar a luta anti-racista como prática, para que seja aproximada a perspectiva real emancipatória de uma totalidade social em harmonia.

> Se a desigualdade social se estrutura através do racismo, seria necessário racializar o debate. O termo de dominação (identidade) é usado contra o dominador na medida em que a identidade negra opera uma quebra, uma descontinuidade, onde a branquitude se esforça para gerar uma suposta totalidade harmônica. (SOUZA, DAMICO e DAVID, 2020, pag. 6).

Partindo desse pressuposto, para enegrecer a discussão, aproximo aqui o artigo Metamorfose Humana e Memória, muito bem-vindo do doutor Alessandro Oliveira Campos da Psicologia Social, que evidencia a perspectiva racial silenciada na tese de Ciampi, aperfeiçoando assim o conceito de mesmice/não-mesmidade a um projeto de emancipação social:

> O fato é que não estamos distantes o suficiente de um passado considerado

> perdido e selvagem em relação à racionalidade ocidental iniciada pelos gregos e sua ideia de civilização. Passado e presente coexistem e interagem. O que acontece é um revestimento das marcas do passado no presente feito pelos investimentos culturais e suas forças sociais. As metamorfoses sociais carregam a memória coletiva. Por conta dessa possibilidade, podemos fazer a distinção entre a mesmice e a mesmidade. Ciampa (2005, p.140) chama de identidade mito o universo da mesmice, que corresponde não mesmidade ou à quase impossibilidade de um indivíduo de atingir a condição de ser-para-si (autodeterminação) e ocultar a verdadeira natureza da identidade como metamorfose. (CAMPOS, 2017, pág. 6).

Acima, na visão de Campos, temos um percurso entre a metamorfose humana aprofundada através da ***memória***, com sentidos emancipatórios, desde que comprometidas com um ***vir-a-ser*** fundamentado em reconhecimento. Abaixo no processo da metamorfose, Campos acrescenta a ideia do vir-a-ser na possibilidade de emancipação através do recurso da memória oral carregada de ***pressentimento***.

> O vir-a-ser metamorfose é uma possibilidade. Nele está contida a preparação do caminho para a emancipação e nisso se aproxima do pressentimento, da mesma forma que o projeto de vir-a-ser auxiliado pelo pressentimento pode oferecer melhor repertório nas escolhas. E nisso reside a manutenção dos fragmentos emancipatórios que pertencem à produção de autonomia, assim como enfrentamentos daquilo que nos nega. A negação daquilo que nos nega (por exemplo, a escravidão, a homofobia, o sexismo, o racismo,etc.) é necessária, pois sem ela o pressentimento anunciado que leva a um projeto emancipatório pode se perder. (CAMPOS, 2017, pág. 4 e 5).

Integrada a memória, intuição e pressentimento para a ocorrência da metamorfose humana, o debate sobre a identidade mito e identidade em metamorfose se eleva e desmascara a perversidade do racismo anunciado por Frantz Fanon (1952), rememorado no artigo citado de Souza, Damico e David sobre a perspectiva de uma sociedade ocidental forjada na dualidade de seres humanos e não-humanos.

> Fanon mapeia uma estratégia de dominação política que investe ao mesmo tempo na expropriação material e imaterial (subjetiva). A modernidade e seu par colonialidade tem suas funções bem definidas: de um lado as condições econômicas para acumulação do capital e, portanto, enriquecimento; e de outro lado, uma 'lixeira' territorial e imaginária para onde depositar suas contradições, os negros e indígenas autóctones. (SOUZA, DAMIC e DAVID, 2020 pag. 4).

Essa visão dualista de mundo foi uma estratégia perversa criada pela racionalidade ocidental, e seu enfrentamento político tem sido de deixar nítida a necessidade de racializar a vida (ou a encenação) como estratégica anti-racista para a criação de caminhos possíveis do vir-a-ser, em que o sujeito negro e indígena seja reconhecido como ser - humano integrado a sociedade.

Neste sentido aproximo aqui o pensamento intelectual do escritor, teatrólogo, poeta e ativista Abdias Nascimento, criador do Teatro Experimental do Negro

(1944 - 1961) que aponta estratégias para a construção de uma nova perspectiva humanitária através da sistematização do *Aquilombamento*:

> Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses das massas negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa da atual geração afrobrasileira: edificar a ciência histórica-humanista do quilombismo. (NASCIMENTO, 1980, 263).

Essa perspectiva de aquilombamento direciona e alimenta a prática do Grupo Clariô de Teatro que na montagem de "Severina da Morte à Vida" (2015) traz à cena a figura de um **Severino**, personagem ficcional de João Cabral de Melo Neto e **Severina**, personagem de criação coletiva do grupo, uma mulher que não fala e está fora do sistema. Severino na peça, diferente do poema de Cabral, não procura vida, pois a dramaturgia do grupo foi criada a partir da morte psicológica do Severino de Cabral, em que ele reconhece ser um morto-vivo que, com seu frágil corpo, chega ao cemitério antes mesmo do seu próprio enterro. Fracassado, pensa no suicídio. Não se mata, mas vive uma vida dentro de um sistema que está morto. A partir deste contexto nasce à necessidade de se criar a personagem Severina, sendo ela a força motriz que busca a morte (do sistema) que trará vida.

Severino na dramaturgia é um moribundo que diante de um sistema opressor, se vê, como todo o povo, obrigado a trabalhar dia e noite sem descanso, para não morrer como tantos Severinos, uma "escolha" que o torna um coveiro moribundo do sistema. Nota-se aqui a opressão capitalista no conceito de ***mesmice/não-mesmidade*** que se revela na naturalização da desumanização em extremo, demarcada por uma terra arrasada em um cenário de seca, onde não há ruas e nem praças, pois tudo foi privatizado e ninguém pode parar, e se para, leva bala dos proprietários das terras, e seu corpo (como tantos) é jogado em uma vala comum, sem direito a um enterro digno.

Nesse contexto desolador a narrativa dramática segue com a sina de Severino-moribundo, até que surge da cova a personagem viva de Severina, um ser misterioso que não fala e tem atitudes "selvagens", mas estranhamente dialoga com a terra e dança. Severino se encanta com essa presença, pressente que a conhece de alguma lembrança perdida no passado, mas abruptamente se vê obrigado a tirar a mulher da cova a mando do patrão. Nesse jogo cênico Severina sai, Severino tomba na cova, bate a cabeça e perde a memória. Severina percebe que Severino precisa de ajuda, busca algo na terra, acha uma raiz e entrega para ele. Severino não entende, guarda a raiz no bolso, ao mesmo tempo em que percebe a tocaia do patrão com sua arma na mão direcionada para ambos, Severino-desmemoriado com seu instinto ainda vivo, puxa Severina para fora do cemitério e daí seguem suas peregrinações. Ela em busca da morte, ele de sua memória perdida. Severina e Severino estão agora à margem do sistema. E a regra é clara, Não podem parar!

Cabe aqui dar uma pausa dramática na narrativa do espetáculo para pontuar a relevância do posicionamento político-filosófico do Grupo Clariô de Teatro, espelhado

no espetáculo Severina da Morte a Vida. No enredo cênico temos duas personagens desumanizadas, uma mulher e um homem, e não por acaso, representadas por atores negros, em um cenário de terra seca e morte latente, enredo este que se ancora ao processo de migração forçada e evidenciada na obra de João Cabral de Melo Neto. No entanto cabe aqui identificar a qualidade de uma atuação não-branca, demarcada pelo corpo presente na cena teatralizada pelo coletivo, em que se evidencia o impacto do colonialismo nos povos desraizados pelo sistema, ou seja, um contexto de representatividade real marcada pelo ***corpo-território*** presente na obra ficcional de "Severina da Morte à Vida".

O corpo-território neste caso é corpo não-branco (de raiz africana e indígena), presente em um território periférico paulista, de migrações plurais. Esses corpos-territórios carregam para a cena do Grupo Clariô de Teatro, um protagonismo negro, com atores que trazem a representação concreta das raças subalternizadas, enquanto que, os patrões e proprietários são apresentados por personagens brancos através de mamulengos (bonecos) manipulados pelos atores.

Alinhado ao pensamento anti-racista de aquilombamento social, o Grupo Clariô de Teatro se fortalece através da prática cotidiana em seu território, que promove o livre pensamento do sujeito e a articulação coletiva em suas objetividades e subjetividades. Neste caminho são notórias as mudanças de percurso, as travessias necessárias, o aprofundamento dos temas e o afinamento das escolhas. Trata-se de uma encruzilhada complexa de saberes epistemológicos, que espelha a vida periférica em resistência decolonial, sua poética é um fragmento de sua identidade, traduzida na famosa frase difundida nas manifestações culturais periféricas presente nos saraus: É nois!

O Grupo Clariô considera a montagem de "Severina da Morte a Vida" que ocorreu em 2015, futurista, pela utopia do fim do capitalismo, a quebra do patriarcado e o renascimento da humanização em equilíbrio com a natureza. No entanto, o espetáculo também revela o tempo do desgaste social atual, com a profecia da ***morte do público*** ocorrido no extremo da opressão capitalista, através da violação de corpos e terras.

A cena de prólogo do espetáculo narra à morte do público que se encontra em um cenário de pós-guerra, em que tudo foi privatizado e o que era público morreu. A poética de "Severina da Morte a Vida" traz o duplo sentido da morte do público, representada também pelo velório da própria platéia que, como Severino na obra de Cabral, caminha ao encontro de seu próprio enterro, condicionada ao desgaste de um ***Tempo Severino***.

Como a vida imita a arte. Em 2020 por conta do processo de isolamento social devido à propagação do contágio do covid-19, o grupo, bem como toda a classe artística, sofreu grande impacto com a "morte" presencial do público, mas sentiu ainda mais a morte de tudo que foi público neste país acorrentado pelo capital, que segue a lógica cega da cosmologia do privado.

Feita a contextualização contemporânea, mas voltando à narrativa cênica de "Severina da Morte a Vida". A personagem Severina é a contradição das normas

estabelecidas, durante o espetáculo ela não come, não bebe e não se alimenta do sistema, mas ao que tudo indica enlouquece, através de um surto. Severino então se separa de Severina para procurar ajuda. Sozinhos, em isolamento, ambos têm contato com sua ancestralidade. Severino com o auxílio de três fiandeiras come a raiz entregue por Severina e recupera sua memória. Lembra que é só mais um Severino sem identidade própria, se entristece. Severina encontra espiritualmente com sua etnia, seus irmãos de alma, se fortalece e entende sua missão na terra, revigora sua lucidez e na busca de Severino encontra a personagem Morte, dança com ela. Na seqüência Severino se encontra com Severina que o leva para a sua própria cova, Severino em despedida segura a terra, aceita seu destino e questiona o público na fala: Nada mudou, nada mudará? Severino em seu suspiro final abraça a Morte levada por Severina e em descanso morre. Severina enterra dignamente Severino, ao ritualizar sua morte ela rompe com a desumanização de um Tempo Severino de corpos jogados em valas comuns.

Em uma micro-pausa dramática, notamos a vala, fora da cena, infelizmente se tornou comum na capital do Estado do Amazonas (Manaus) durante a propagação da epidemia negligenciada pelo governo federal, em que diversos corpos foram enterrados sem um sepultamento digno, em uma vala comum. Triste sina a nossa ainda, mas voltemos à dramaturgia.

No final do espetáculo temos o nascimento de uma esperança, Severina que até então não falava, corta o silêncio, e em sua primeira fala diz "Não!" e joga a terra para o alto, simbolizando a partilha, terra esta que é cenicamente disputada pelos personagens proprietários do capital, que lutam entre si até o momento em que um mata o outro simbolizando o fim de toda a opressão. Severina rompe o sistema e ativa à memória ancestral, através da fala ao povo:

> O sangue do Povo regou essa terra/O suor do povo nutriu essa terra. A carne do povo adubou esta terra/ E a história do povo semeará esta terra, mas antes é preciso parar e rezar.

Parar com a máquina que alimenta o capital, rezar por cada corpo morto pelo sistema. Ao final da peça, Severina se conecta a força da mãe natureza fazendo chover no sertão e canta com o público de pé (agora vivo): "Pra curar cicatriz, é preciso raiz".

Nesse narrativa teatral, para tecer a dramaticidade dos personagens Severino e Severina omiti a presença significativa de outras personagens alegóricas da peça, tais como; A Mulher da janela, o Carcará, o Revolucionário, o Enrolador, e a Morte. Cada personagem carrega seu valor particular articulado ao universal de presença fundamental à tessitura dramática do espetáculo.

A utopia aqui presente, marca a articulação de uma ***heterogeneidade humana***, carregada de valor espiritual, subjetivo, epistêmico e cosmológico em uma produção cultural comunitária, alinhada à teimosia que resiste às margens, na periferia. A utopia é o resgate da essência humana, em um vínculo de respeito entre os seres em equilíbrio com a natureza. Uma espécie de aldeamento aquilombado anti-patriarcal, anti-capitalista, anti-racista, e anti-fascista. O mundo que queremos. Liberto.

Porém é importante demarcar aqui o papel fundamental da mulher neste enredo, que depois de uma vida de silenciamento e dor é Severina, representante de tantas outras e através de seu amor, que revoluciona seu território.

Pressinto nesse horizonte utópico, um olhar descolonial de mundo em uma terceira escrita feminina de ascensão afro-indígena, anunciado na ***Améfrica Ladina*** de Lélia Gonzalez (1988) ou na escrita de Julieta Paredes (2008) através do ***Feminismo comunitário*** das indígenas de Abya Yala, bem como em diversos movimentos feministas afrodiaspóricos e indígenas que se unem para transformar uma visão distorcida de uma realidade colonizadora. E que convenhamos, não deu certo.

Seja na realidade ou na ficção, as mulheres são à força motriz de suas comunidades, atuando fortemente na harmonia das relações, proporcionando a perspectiva de uma identidade em metamorfose do vir-a-ser em equilíbrio. Adelante! ■

[NALOANA DE LIMA COSTA]
Mestranda em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades na Universidade de São Paulo, USP. Graduada em Educação Artística - Licenciatura em Artes Cênicas pela Faculdade Paulista de Artes (2008). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro. E-mail: naloana@usp.br

Referências

CAMPOS, Alessandro Oliveira, **Metamorfose humana e memória**, DOSSIÊ Psicologia & Sociedade, 29, e172075, Versão on-line ISSN: 1807-0310 – 2017 https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29172075

CIAMPI, Antonio da Costa. **A estória do Severino e a história da Severina, um ensaio de psicologia social. São Paulo**. Ed. Brasiliense. 1986.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**, EDUFBA, Salvador - 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoameriano, ensaios, intervenções e diálogos**, Editora Schwarcz S.A., Rio de Janeiro, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, São Paulo, 1984.

MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**, São Paulo, Ed. Perspectiva S.A. 1995.

NASCIMENTO, Abdias do. **O quilombismo – documentos de uma militância pan-africanista**, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1980.

PAREDES, Julieta. **Hilando fino desde el feminismo comunitário**, Ed. Mujeres Creando Comunidad, La Paz, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, Ed. Paz e Terra. São Paulo, 2011.

QUIJANO, Aníbal. **Coloniality and modernity / rationality**, Capítulo 2, pp. 22-32, Globalization and the Decolonial Option, Ed. por Walter Mignolo e Árturo Escobar, Editora Routledge, Londres e Nova York, 2010.

SOUZA, Tadeu de Paula. DAMICO, José Geraldo. DAVID Emiliano de Camargo. **Paradoxos das políticas identitárias**: (des)racialização como estratégia quilombista do comum. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 42(3), e56465, 2020 https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v42i3.56465